

14 Porto 1987, Comissão do Porto, Porto

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA Publicação O Comércio do Porto  
Local Porto Data 14/05/87 Série \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

Não há danos pessoais a lamentar

# TRAINEIRA NAUFRAGOU AO LARGO DE ESPOSENDE

António Soares (Texto) □

Uma traineira naufragou ontem de madrugada, a cerca de seis milhas da costa, ao largo de Esposende, depois de ter embatido num objecto desconhecido. Não há acidentes pessoais a registar e toda a tripulação e algum equipamento foram salvos por uma outra embarcação que se encontrava nas proximidades e que acorreu prontamente ao pedido de socorro. O barco e materiais perdidos estão avaliados em cerca de 35 mil contos, 18 dos quais estão cobertos pelo seguro.

A «Sérgio Marina», traineira de 18 metros, matriculada no Porto de Leixões, largara por volta de uma hora de ontem, aparelhada para a pesca da sardinha. A bordo levava 21 tripulantes e o mestre e dono do barco, Zacarias da Cunha Pereira, de 37 anos, que fomos encontrar em Matosinhos, algumas horas após a sua chegada ao Porto de Leixões. Com 12 anos de comando de barcos, foi a primeira vez que naufragou e re-

corda a experiência:

«Navegávamos para Norte, nas 36 braças de profundidade, cerca de seis milhas ao largo de Esposende, quando ouvi um estrondo enorme. Deviam ser quatro e meia da manhã» — lembra o mestre. «Acordei o pessoal de serviço e mandei perguntar ao motorista o que se passava. Nesta altura, o barco já estava cheio de água». Segundo Zacarias Pereira, «não deu sequer para ver a dimensão do

rombo».

Dez minutos depois de dado o alarme, e após ter ensaiado, «por todos os meios», infrutiferamente, «escoar a água», nomeadamente através da utilização de moto-bombas e motores auxiliares, Zacarias Pereira decidiu-se a pedir auxílio via rádio.

Respondeu ao apelo a «Framar», uma motora também de Leixões, que pescava nas proximidades. Em muito pouco tempo estava encostada à «Sérgio Marina» e os tripulantes eram recolhidos sem quaisquer problemas e dentro do máximo de calma e sangue frio que a situação permitia. Houve inclusivamente tempo para salvar as redes e a chalandra (pequeno bote), «apesar de o mar estar picado e o vento soprar com bastante intensidade».

Zacarias Pereira foi o último

homem a abandonar o barco, que afundou às 5.15 horas. Três horas mais tarde, a «Framar» atracava em Leixões. Já algum tempo passado sobre os acontecimentos, o mestre continuava sem saber qual o objecto que provocou o rombo que motivou o naufrágio, «até porque era noite». Aventa, contudo, uma possibilidade: «Nesta altura, penso que devíamos ter embatido num toro de madeira ou nalgum contentor submerso».

A perda do barco, construído há cerca de cinco anos, implica consequências bastante graves, especialmente para os pescadores que nele trabalhavam (oriundos da Póvoa de Varzim, Matosinhos e Afurada), privados agora do seu ganha-pão, por tempo indeterminado e condicionados a viver das magras «benesses» do Estado, caso não apareça ne-

**José Albino (Fotos)**

nhum biscate, como aliás nos foi afirmado no pouco tempo que passamos entre os tripulantes.

Este facto é motivo de preocupação igualmente para o mestre e dono da «Sérgio Marina», que aguarda agora a conclusão de todas as diligências que se seguirão até conseguir receber o dinheiro do seguro. «Para já a minha intenção é provavelmente construir outro barco com o dinheiro do seguro. Entretanto, pode ser que me ofereçam outra embarcação para eu andar ao mar, e aí o pessoal já tinha trabalho. Vou esperar para ver o que acontece».

Recorde-se que este é o quinto naufrágio ocorrido desde o princípio do ano entre a Foz do Douro e Vila do Conde, de que resultaram a morte de seis pescadores e elevados prejuízos materiais.



O mestre da «Sérgio Marina», Zacarias Pereira, relembra para o nosso jornal os pormenores do naufrágio.



A «Sérgio Marina» no dia do seu baptismo, há aproximadamente cinco anos. É caso para dizer: lá se foram 35 mil contos por água abaixo.